

OTIMISMO PARA VENCER INSEGURANÇA

Adriana Chiarini
e Lydia Medeiros
Da equipe do **Correio**

André Corrêa

Foi num jantar com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e com o presidente do Banco Central, Francisco Lopes, que o presidente Fernando Henrique Cardoso descartou a possibilidade de uma centralização do câmbio.

Segundo Lopes, três alternativas de regime cambial foram apresentadas a Fernando Henrique: "O senhor pode pensar no regime atual de flutuação, ou no *currency board* (sistema de conversibilidade do dólar), que é um desastre, ou na não-solução, que é a centralização do câmbio".

Diante dos motivos apresentados por Lopes e Malan contra a conversibilidade do dólar e a centralização do câmbio, os três concluíram que a variação da cotação do real é a única alternativa. "Não farei centralização em hipótese alguma. O Brasil é uma economia integrada", disse Fernando Henrique.

A história foi contada por Lopes durante a sua sabatina, ontem de manhã, na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado, onde foi aprovado para a presidência do BC por 23 votos a favor e 2 contra. Lopes pintou um cenário otimista, prevenindo "crescimento extremamente favorável, talvez mesmo espetacular" para o Brasil no ano que vem, depois de um semestre difícil agora.

Mas o resultado da votação não significa confiança dos senadores. "Tenho consciência do que seria o *day after* (na expressão americana, dia seguinte a uma catástrofe) se esta comissão rejeitasse seu nome", disse Jefferson Peres (PSDB-AM) a Lopes, justificando seu voto a favor. "Já estamos no campo da fé", foi o comentário do líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho (PA), sobre a economia. A forma como Lopes contou o jantar aumentou a insegurança. "Pensei que isso já estivesse discutido há três meses", disse Lauro Campos (PT-DF).

MORATÓRIA

Apesar disso, Lopes foi enfático em que o regime de centralização não voltará mesmo a ser adotado.



Depois de achar "exagerada" a cotação do dólar, Lopes descartou a possibilidade de novo ajuste fiscal: "O mercado tem estimativas exageradas"

"Centralização significa moratória, cortar as relações do Brasil com os credores externos. Seria abandonar a oportunidade que o Brasil tem de passar a ser uma nação de primeira classe". Ele espera que até o desemprego diminua em consequência do crescimento das empresas exportadoras e da indústria nacional, que estava "massacrada" pelos juros altos.

Apesar disso, Lopes admitiu que os juros continuarão altos, por enquanto, como forma de evitar a inflação, mas previu que a economia permanecerá "sem uma recessão significativa" este ano. A desvalorização trará uma alta inicial de preços que o governo se preocupa em evitar

que se estenda para toda a economia. "A inflação não vai voltar neste país", garantiu o presidente do BC.

Conforme ele, para conter o contágio da alta de preços por todos os setores é fundamental manter a legislação contra a indexação, os juros altos e buscar o ajuste fiscal. "Se a desvalorização ficar em 50%, o impacto inicial na inflação será de cinco pontos percentuais", calcula.

A atual taxa de câmbio foi considerada alta demais por Lopes. "Acho exagerada esta taxa de R\$ 1,80", disse. Aparentando calma, Lopes disse que em todos os países que liberaram o câmbio, o dólar subiu muito e depois caiu de novo.

É por isso que o governo não acha necessário um novo pacote de ajuste fiscal. "O mercado tem estimativas totalmente exageradas. A mudança no câmbio não se reflete imediatamente no aumento da dívida porque daqui a um ano a desvalorização será menor." A única ressalva de Lopes é em relação aos estados. "Se nós não formos sabotados pelos governadores de estado, nós, o país, teremos superávit primário (sem contar juros) de 2,6% do PIB."

ESTABILIDADE

O presidente do Banco Central disse que não há possibilidade de desenvolvimento sem estabilida-

de da moeda. "O governo militar tentou desenvolver o país com moeda frágil e vimos no que deu: hiperinflação e moratória. Passamos 10 anos pagando por nossa moratória no início da década de 80." A permanência de Pedro Malan como ministro da Fazenda também foi defendida por Lopes: "O ministro tem papel fundamental neste governo. Os homens que decidem as finanças internacionais são amigos íntimos do ministro Malan".

Lopes disse que as reservas do país hoje estão em US\$ 36 bilhões, que os compromissos da União para os próximos 12 meses são de apenas US\$ 12 bilhões, e que espera ter US\$ 50 bilhões em caixa no fim do ano, contando com mais US\$ 30 bilhões do acordo coordenado pelo FMI.

Depois de provocado, Lopes reconheceu que os US\$ 36 bilhões incluem US\$ 9 bilhões do FMI. As próximas parcelas do acordo deixam de ser repassadas se o nível das reservas, descontando o que já foi emprestado pelo Fundo, chegar a US\$ 20 bilhões. Este nível está em US\$ 27 bilhões, apenas US\$ 7 bilhões acima do limite do FMI. Foi por esse motivo que o regime de câmbio livre foi adotado. Nele não há perda de reservas, mas a cotação fica variando.